A todos os rapazes que amei

BESTSELLER DO
NEW YORK TIMES

JENNY HAN

«Lara Jean,
a personagem principal,
dá a esta história comovente
um toque de originalidade
e um charme muito próprio.»
PUBLISHERS WEEKLY

TOPSELLER

capítulo 1

O JOSH É O NAMORADO DA MARGOT, mas acho que se poderia dizer que praticamente toda a minha família está caidinha por ele. Antes de ser namorado dela, era apenas o Josh. Sempre esteve ali. Digo sempre, mas acho que não é bem assim. Mudou-se há sete anos para a casa ao lado da nossa, mas até parece que lá mora desde sempre.

O meu pai adora o Josh porque é um rapaz e o meu pai está cercado de raparigas. A sério: ele passa o dia rodeado pelo sexo feminino. O meu pai é ginecologista obstetra e por acaso também é pai de três raparigas, por isso é como se fosse todo o dia raparigas, raparigas e raparigas. Também gosta do Josh porque ele gosta de banda desenhada e acompanha-o nas pescarias. O meu pai uma vez tentou levar-nos a pescar e eu gritei quando enchi os sapatos de lama, a Margot gritou quando o livro dela se molhou e a Kitty gritou porque a Kitty ainda era praticamente um bebé.

A Kitty adora o Josh porque ele joga às cartas com ela sem se aborrecer. Ou pelo menos faz de conta que não se aborrece. Estabelecem acordos entre eles — se eu ganhar a próxima mão, tens de me fazer uma tosta de manteiga de amendoim com pedaços, mas sem côdea. A Kitty é assim. Inevitavelmente não haverá manteiga de amendoim com pedaços e o Josh dirá *Que pena, escolhe outra coisa qualquer*. Mas então a Kitty vence-o pelo cansaço e ele sai para ir comprá-la, porque o Josh é assim.

Se tivesse de dizer o que leva a Margot a amá-lo, acho que diria que é por todos sentirmos o mesmo.

Estamos na sala de estar e a Kitty cola imagens de cães numa cartolina enorme. Há pedaços de papéis a toda a volta. Murmurando para si própria, diz:

— Quando o papá me perguntar o que quero para o Natal, vou-lhe dizer apenas: Escolhe um destes cachorrinhos e está perfeito.

A Margot e o Josh estão no sofá; eu estou deitada no chão, a ver televisão. O Josh preparou uma grande taça de pipocas e eu dedico-me a elas, comendo-as às mãos-cheias.

Começa a dar um anúncio a um perfume: uma rapariga corre pelas ruas de Paris com um vestido sem costas cor de orquídea, fino como lenços de papel. O que eu não teria dado para ser aquela rapariga com o vestido de papel, a correr por Paris na primavera! Sento-me tão depressa que me engasgo com uma pipoca. Entre tossidelas, digo:

— Margot, vamos encontrar-nos em Paris nas minhas férias da primavera!

Já me estou a imaginar a rodopiar com um *macaron* de pistácio numa mão e um de framboesa na outra.

Os olhos da Margot iluminam-se.

— Achas que o papá deixa?

— Claro, é cultura. Tem de deixar.

Mas é verdade que nunca voei sozinha. Aliás, nem sequer saí do país. Será que a Margot iria ter comigo ao aeroporto, ou teria de encontrar eu o caminho para o *hostel*?

O Josh deve ter-se apercebido da minha súbita expressão de preocupação, porque disse:

— Não te preocupes. O teu pai de certeza que te deixa ir se eu também for.

Fico radiante.

— Sim! Podemos ficar em *hostels* e fazer refeições só de bolos e queijo.

— Podemos ir à campa do Jim Morrison! — sugere o Josh.

— Podemos ir a uma perfumaria pedir para fazerem uma fragrância personalizada! — encorajo, e o Josh resmunga.

— Hum, tenho a certeza de que pedir um perfume personalizado custaria tanto quanto uma semana num *hostel* — comenta. Dá uma cotovelada à Margot. — A tua irmã sofre de delírios de grandeza.

— É a mais caprichosa de nós a três — concorda a Margot.

— E eu? — choraminga a Kitty.

— Tu? — troço. — És a *menos* caprichosa das Song. À noite tenho de te implorar que laves os pés, quanto mais tomares um duche.

O rosto da Kitty fica tenso e corado.

— Não me referia a isso, sua dodó. *Falava* de Paris.

Livro-me despreocupadamente dela.

— És demasiado pequena para ficar num *hostel*.

Ela rasteja até junto da Margot e trepa para o colo dela, apesar de já ter nove anos, sendo, por isso demasiado grande para ainda se sentar no colo das pessoas.

— Margot, deixas-me ir, não deixas?

— Poderiam ser umas férias em família — diz a Margot, beijando-lhe a bochecha. — Tu, a Lara Jean e o pai poderiam vir todos.

Faço má cara. Não era este tipo de viagem a Paris que eu imaginava. O Josh murmura-me por cima da cabeça da Kitty, *Falamos mais tarde,* e eu levanto discretamente os polegares na direção dele.

É mais tarde nessa noite; o Josh já se foi embora há muito. A Kitty e o nosso pai estão a dormir. Nós estamos na cozinha: a Margot à mesa com o seu computador; e eu sentada ao lado dela, a fazer bolas com massa de bolo e a mergulhá-las em canela e açúcar. Bolachinhas para voltar a cair nas boas graças da Kitty. Há pouco, quando fui desejar-lhe as boas-noites, a Kitty rebolou para o outro lado e não me falou, por estar ainda convencida de que vou tentar impedir que vá a Paris. Vou pôr as bolachinhas num prato mesmo ao lado da almofada dela, para que acorde com o aroma a guloseimas acabadas de fazer.

A Margot tem estado extremamente calada e, de repente, do nada, levanta os olhos do computador e diz:

— Esta noite acabei tudo com o Josh. Depois do jantar.

As minhas bolas de massa de bolo caem-me dos dedos para dentro da taça de açúcar.

— Ora bem, já estava na altura — explica. Não tem os olhos raiados de sangue; não esteve a chorar, parece-me. A voz dela é calma e clara. Quem quer que olhasse para ela pensaria que estava bem. Porque a Margot está sempre bem, mesmo quando não está.

— Não sei porque é que tinhas de acabar com ele — digo. — Lá porque vais para a universidade, não é preciso separarem-se.

— Lara Jean, vou para a Escócia, não para a Universidade da Virgínia. Saint Andrews fica a mais de 6000 quilómetros daqui. — Ela puxa os óculos para cima. — Qual era o interesse?

Nem acredito que ela disse aquilo.

— O interesse está no Josh. O Josh que te ama mais do que alguma vez um rapaz amou uma rapariga!

A Margot revira os olhos. Acha que estou a fazer um drama, mas não. É verdade... é assim o amor do Josh por ela. Provavelmente nunca mais vai olhar para outra rapariga.

De repente, ela diz:

— Sabes o que é que a mamã me disse uma vez?

— O quê? — Por momentos esqueço por completo o Josh. Porque, esteja eu a fazer seja o que for, se a Margot e eu estivermos a discutir, ou se estiver prestes a ser atropelada por um carro, vou sempre parar e ouvir uma história sobre a mamã. Qualquer pormenor, qualquer recordação que a Margot tenha, também a quero para mim. Ainda assim estou melhor do que a Kitty. Ela não tem qualquer recordação da mamã que não lhe tenha sido transmitida por nós. Contámos-lhes tantas vezes

tantas histórias que agora já são dela. «Lembras-te daquela vez...», iria ela dizer. E depois contaria a história como se lá tivesse estado e não fosse apenas um bebezinho.

— Ela disse-me para tentar não ter namorado quando fosse para a universidade. Disse que não queria que eu fosse uma rapariga a chorar ao telefone e a dizer nãos em vez de sins.

A Escócia, calculo, é o sim da Margot. Distraidamente, pego num monte de massa de bolo e enfio-o na boca.

— Não devias comer massa crua — diz a Margot.

Ignoro-a.

— O Josh nunca te iria impedir de fazer nada. Ele não é desses. Lembras-te de que, quando concorreste a presidente da associação de estudantes, ele foi o teu diretor de campanha? É o teu maior fã!

Nisto, os cantos da boca da Margot voltam-se para baixo e eu levanto-me e envolvo o pescoço dela com os braços. Deixa a cabeça cair para trás e sorri-me.

— Estou bem — garante, mas não está, eu sei que não está.

— Ainda vais a tempo, sabes? Podes ir lá agora e dizer-lhe que mudaste de ideias.

A Margot abana a cabeça.

— Está feito, Lara Jean. — Largo-a e ela fecha o portátil. — Quando é que fica pronta a primeira fornada? Estou esfomeada.

Olho para cronómetro magnético em forma de ovo pousado no frigorífico.

— Mais quatro minutos.

Recosto-me e afirmo:

— Não me interessa o que dizes, Margot. Vocês ainda têm hipóteses. Tu amas imenso o Josh.

Ela abana a cabeça.

— Lara Jean — diz, na sua voz de Margot paciente, como se eu fosse uma criança e ela uma sábia mulher de 42 anos.

Seguro uma colher cheia de massa de bolo debaixo do nariz da Margot e ela hesita e depois abre a boca. Dou-lhe de comer como se fosse um bebé.

— Espera e verás, tu e o Josh vão reatar, sei lá, qualquer dia.

Mas, ao dizê-lo, sei que não será assim. A Margot não é o tipo de rapariga para acabar e reatar por capricho; assim que se decide, está feito. Não há cá tangas, nem arrependimentos. É como ela disse: Quando está feito, feito está.

Gostaria (e isto é um pensamento que me ocorreu muitas vezes, demasiadas para saber precisar quantas) de ser mais parecida com a Margot. Porque às vezes parece que nunca vou estar no ponto.

Mais tarde, depois de ter lavado a loiça, empratado as bolachas e as ter deixado na almofada da Kitty, vou para o meu quarto. Não acendo a luz. Vou até à janela. A luz da janela do Josh permanece acesa.

capítulo 2

NO DIA SEGUINTE, A MARGOT está a preparar café e eu despejo cereais em taças e digo aquilo em que andei a pensar a manhã inteira.

— Para que saibas, o papá e a Kitty vão ficar muito chateados.

Quando eu e a Kitty estávamos a lavar os dentes, senti-me tentada a meter a carroça à frente dos bois e a contar-lhe, mas a Kitty ainda se encontrava zangada comigo desde ontem, por isso fique de boca calada. Ela nem sequer agradeceu as bolachas, embora eu saiba que as comeu, porque só ficaram umas migalhas no prato.

A Margot soltou um suspiro profundo.

— Então, eu tenho de ficar com o Josh por causa de ti, do papá e da Kitty?

— Não, estava só a avisar-te.

— Assim que eu me fosse embora, ele não ia passar a vida aqui metido.

Franzo o sobrolho. Não me tinha ocorrido aquilo, o facto de o Josh deixar de aparecer por a Margot já cá não estar. Ele já aparecia muito antes de começarem a namorar, por isso não vi motivos para deixar de o fazer.

— Porque não? — questiono. — Ele adora a Kitty.

Ela prime o botão da máquina de café. Observo-a com extrema atenção, porque sempre foi a Margot a tratar do café, e não eu, e agora que se vai embora (só faltam seis dias) é melhor saber como se faz. De costas voltadas para mim, diz:

— Talvez nem lhes diga nada.

— Acho que vão perceber quando não o virem no aeroporto, Gogo. — Gogo é a minha alcunha para a Margot. Como nas botas *go-go*[1]. — Quantos copos de água é que despejaste? E quantas colheres de café em grão?

— Eu deixo-te tudo escrito — assegura-me a Margot. — No bloco de notas.

---

[1] Botas de mulher com salto médio e cano alto, que se popularizaram a partir de meados de 1960. [*N. do T.*]

Temos um bloco de notas para uso doméstico junto ao frigorífico. Ideia da Margot, claro. Tem lá anotados todos os números importantes, a agenda do papá e a escala das boleias da Kitty.

— Não te esqueças de pôr lá o número da nova lavandaria — digo.

— Já pus. — A Margot corta uma banana para os seus cereais; todas as fatias são uniformemente bem finas. — E, além disso, o Josh já não ia connosco ao aeroporto. Sabes bem o quanto gosto de despedidas. — A Margot faz uma careta, tipo *Ugh, sentimentos.*

Pois sei.

Quando a Margot decidiu ir para uma universidade escocesa, senti-me traída. Embora soubesse que era algo que ia acontecer, pois aproximava-se a altura de ela ir para uma universidade algures, bem longe. E claro que iria para uma universidade na Escócia estudar Antropologia, , porque ela é a Margot, a rapariga com os mapas e os livros de viagens e os planos. Claro que um dia iria deixar-nos.

Ainda estou zangada com ela, mas só um bocadinho. Um bocadinho minúsculo. Obviamente que sei que a culpa não é dela. Mas vai para tão longe e sempre disse que seríamos eternamente as Meninas Song. A Margot primeiro, eu no meio e a nossa irmã Kitty no fim. Na certidão de nascimento, o nome dela é Katherine; para nós é a Kitty. Por vezes, chamamos-lhe Kitten, porque foi do que me lembrei quando ela nasceu: parecia uma gatinha magricelas e sem pelo.

Somos as três Meninas Song. Éramos quatro. Havia a minha mãe, Eve Song. Evie apenas para o meu pai, Eve para toda a gente. Song é, era, o apelido da minha mãe. O nosso apelido é Covey. Mas o que levou a que fôssemos as Meninas Song e não Covey foi o facto de a minha mãe dizer que seria toda a vida uma menina Song e de a Margot ter dito que então também deveríamos ser. Todas temos Song a meio do nosso nome e, seja como for, temos mais aspeto de Song do que de Covey, somos mais coreanas do que brancas. Pelo menos eu e a Margot; a Kitty saiu mais ao pai: o cabelo dela é castanho-claro como o dele. As pessoas dizem que eu sou a mais parecida com a minha mãe, mas eu acho que é a Margot, graças às maçãs do rosto salientes e aos olhos pretos. Já lá vão quase seis anos e às vezes parece que ainda ontem ela aqui estava, enquanto noutras vezes parece que nunca esteve, só em sonhos.

Naquela manhã ela andou a limpar o chão da casa toda; estava brilhante e tudo cheirava a limão e a casa limpa. O telefone tocou na cozinha, ela foi a correr para atender e escorregou. Bateu com a cabeça no chão e ficou inconsciente, mas logo a seguir despertou e estava bem. Foi o seu intervalo de lucidez. Foi o que lhe chamaram. Pouco depois, disse que lhe doía a cabeça, foi deitar-se no sofá e nunca mais acordou.

Foi a Margot quem deu com ela. Tinha 12 anos. Tratou de tudo: ligou para o 112, ligou depois para o meu pai e disse-me para tomar conta da Kitty, que tinha apenas 3 anos. Eu liguei a televisão do quarto de brincar para a Kitty e sentei-me lá com ela. Foi tudo o que fiz. Não sei o que teria feito se a Margot não estivesse lá. Embora a Margot fosse apenas 2 anos mais velha do que eu, era a pessoa que eu mais admirava.

Quando outros adultos descobrem que o meu pai é pai solteiro de três raparigas, abanam a cabeça de espanto, tipo *Como é que ele consegue? Como é que consegue lidar com tudo aquilo sozinho?* A Margot é a resposta. Desde sempre que se revelara uma organizadora, com tudo etiquetado e agendado e disposto em filas ordenadamente arrumadas.

A Margot é boa rapariga e acho que eu e a Kitty seguimos a liderança dela. Nunca enganei ninguém, nem me embebedei, nem fumei um cigarro, nem sequer tive um namorado. Gozamos com o nosso pai e dizemos que ele é um sortudo por sermos todas tão boazinhas, mas a verdade é que as sortudas somos nós. Ele é mesmo um bom pai. E esforça-se imenso: nem sempre nos compreende, mas esforça-se, e isso é que importa. Nós as três, as Meninas Song, temos um pacto tácito: facilitar o mais possível a vida ao nosso pai. Mas, vejamos bem, se calhar o pacto não é assim tão secreto, pois quantas vezes ouvi a Margot dizer «Chiu, calada, o papá está a fazer uma sesta antes de ter de regressar ao hospital» ou «Não chateies o papá com isso, desenrasca-te»?

Já perguntei à Margot como é que ela acha que seriam as coisas se a mamã não tivesse morrido. Tipo, passaríamos mais tempo com o lado coreano da família e não apenas no Dia de Ação de Graças e no Ano Novo? Ou...

A Margot não vê interesse em tentar imaginar isso. É esta a vida que temos, não vale a pena perguntar «e se?». Ninguém saberia dar-nos as respostas. Eu tentei, a sério que tentei, mas é-me difícil aceitar este modo de pensar. Estou sempre a pensar «e se», nos caminhos não percorridos.

O papá e a Kitty descem as escadas ao mesmo tempo. A Margot serve uma chávena de café preto ao papá e eu despejo o leite na taça de cereais da Kitty. Empurro-a para a frente dela e ela vira-me a cara e tira um iogurte do frigorífico. Leva-o para a sala para comer em frente ao televisor. Portanto, ainda está zangada.

— Logo, vou ter de ir à Costco, por isso, meninas, façam uma lista do que precisam — pede o papá, bebendo um grande gole de café. — Acho que vou trazer lombo de vaca para o jantar. Podemos grelhá-lo lá fora. Trago também para o Josh?

Viro repentinamente a cabeça na direção da Margot. Ela abre e fecha a boca. E só depois diz:

— Não, traz apenas para nós os quatro.

Lanço-lhe um olhar de reprovação e ela ignora-me. Nunca vi a Margot a acobardar-se, mas acho que, no que toca a questões do coração, as reações das pessoas são imprevisíveis.

capítulo 3

CHEGAMOS AOS ÚLTIMOS DIAS DE VERÃO, ou seja, os últimos dias com a Margot. Vendo bem, talvez não seja assim tão mau que tenha acabado com o Josh; desta forma, temos mais tempo para nós, as irmãs. Tenho a certeza de que ela terá pensado nisso. Tenho até a certeza de que isso faz parte do plano dela.

Vamos a sair de carro do nosso bairro quando o Josh passa por nós a correr. Desde o ano passado que se dedica a isto, por isso passa a vida a correr. A Kitty chama por ele, mas as janelas estão fechadas e de qualquer forma não valeria a pena — ele faz de conta que não ouve.

— Dá a volta — diz a Kitty à Margot. — Talvez queira vir connosco.

— Hoje é dia das Meninas Song — informo-a.

Passamos o resto da manhã no Target, a fazer compras de última hora, como biscoitos para comer no avião, desodorizante e elásticos para o cabelo. Deixámos que fosse a Kitty a empurrar o carrinho para que pudesse fazer aquela coisa de desatar a correr e depois montar o carrinho como se empurrasse uma quadriga. A Margot só a deixa fazer isso um par de vezes antes de a obrigar a parar, para não incomodar os outros clientes.

A seguir, regressamos a casa e preparamos salada de frango com uvas verdes para o almoço, e quando acabamos de comer está quase na hora do encontro de natação da Kitty. Preparamos uma refeição para piquenique, que consiste em sanduíches de fiambre e queijo mais salada de fruta. Levamos o portátil da Margot para irmos vendo filmes, porque os encontros de natação podem arrastar-se até à noite. Também elaborámos um cartaz onde se lê *Força, Kitty!* Desenho lá um cão. O papá acaba por não aparecer, pois está a fazer um parto e, pelas desculpas que dá, é dos bons. (Era uma menina e chamaram-lhe Patricia Rose em honra às suas duas avós. O papá consegue sempre saber o primeiro e o segundo nome. É a primeira coisa que pergunto, quando regressa a casa depois de um parto.)

A Kitty está tão excitada por ter conquistado duas fitas de vencedora e uma de segunda classificada que até se esquece de perguntar pelo

Josh quando vamos no carro de regresso a casa. Segue no banco de trás e leva a toalha em volta da cabeça como se tivesse um turbante e as fitas nas orelhas como se fossem brincos. Inclina-se para a frente e diz:

— Ei! Porque é que o Josh não veio?

Vejo a Margot a hesitar, por isso respondo antes dela. Talvez seja a única coisa em que sou melhor do que a Margot, a mentir.

— Hoje à noite teve de ficar a trabalhar na livraria. Mas queria muito vir.

A Margot estende o braço por entre os bancos e aperta-me a mão.

Fazendo beicinho, a Kitty diz:

— Foi o último encontro da época! Ele prometeu que me vinha ver nadar.

— Tratou-se de um imprevisto — explico. — Não conseguiu sair do trabalho porque um dos colegas teve uma emergência.

A Kitty assente com a cabeça, de má vontade. Apesar de tão pequena, sabe bem o que são turnos de emergência.

— Vamos comprar gelados — diz de repente a Margot.

A Kitty anima-se e o Josh e o seu turno de emergência imaginário já estão esquecidos.

— Sim! Quero um cone de *waffle*! Posso comer um cone de *waffle* com duas bolas? Quero menta com pedacinhos de chocolate e amendoim crocante. Não, limão arco-íris e duplo caramelo. Não, esperem...

Volto-me para trás.

— Não és capaz de comer duas bolas e um cone de *waffle* — digo-lhe. — Talvez consigas comer duas bolas num copo, mas não num cone.

— Consigo, consigo. Hoje consigo. Estou a morrer de fome.

— Está bem, mas é bom que comas tudo. — Agito o dedo à frente dela como se fosse uma ameaça, o que a faz revirar os olhos e dar uma risadinha. Quanto a mim, vou comer o costume: chocolate e cereja.

A Margot entra na fila de atendimento para carros e aguardamos pela nossa vez.

— Aposto que na Escócia não há gelados destes — digo.

— Provavelmente, não — diz ela.

— Agora, só voltas a comer outro quando for o Dia de Ação de Graças — comento.

A Margot olha para diante.

— No Natal — corrige-me. — No Dia de Ação de Graças não dá tempo para cá vir.

— O Dia de Ação de Graças vai ser uma seca — resmunga a Kitty.

Mantenho-me calada. Nunca passámos esta data sem a Margot. É sempre ela quem prepara o peru, o guisado de brócolos e as cebolas com natas. Eu trato das tartes (abóbora e nozes) e do puré. A Kitty é a provadora e põe a mesa. Não sei assar um peru. E as nossas duas

avós vão estar presentes. A Nana, a mãe do papá, gosta mais da Margot do que de nós. Ela diz que a Kitty a deixa esgotada e que eu sou demasiado alheada.

De repente, sinto-me em pânico e com dificuldade em respirar, já nem quero saber do gelado de chocolate e cereja. Não consigo imaginar o Dia de Ação de Graças sem a Margot. Nem sequer a próxima segunda-feira eu consigo imaginar sem ela. Sei que a maior parte das irmãs não se dão, mas a Margot é a pessoa de quem me sinto mais próxima. Sem ela, como poderemos ser as Meninas Song?

capítulo 4

A MINHA AMIGA MAIS ANTIGA, a Chris, fuma, curte com rapazes que mal conhece e já foi duas vezes suspensa. Uma vez teve de ir a tribunal por absentismo. Eu nem sabia o que era absentismo antes de conhecer a Chris. Para que saibam, é quando se falta tanto à escola que até se tem problemas com a lei.

Tenho a certeza de que se eu e a Chris nos conhecêssemos agora não nos tornaríamos amigas. Somos tão diferentes. Mas nem sempre foi assim. No sexto ano, a Chris gostava de artigos de papelaria, de dormir em casa das amigas e de ficar a noite acordada a ver filmes do John Hughes, tal como eu. Mas pelo oitavo ano já se pirava depois de o meu pai adormecer para ir ao centro comercial ter com rapazes. Eles traziam-na de volta antes de o dia nascer. Eu ficava acordada até ela regressar, aterrorizada com a possibilidade de não aparecer em casa antes de o meu pai acordar. Mas isso nunca aconteceu.

A Chris não é o tipo de amiga a quem se liga todas as noites ou com quem se almoça todos os dias. É como um gato vadio: aparece e desaparece conforme lhe apetece. Não é possível prendê-la a um lugar ou a uma pessoa. Numa semana posso ver a Chris todos os dias e depois passam-se dias sem lhe pôr a vista em cima. A Chris e a Margot não se suportam. A Chris acha que a Margot é reprimida e a Margot acha que a Chris é bipolar. Ela acha que a Chris se aproveita de mim; a Chris acha que a Margot me controla. Eu acho que se calhar as duas têm alguma razão. Mas o importante, o que verdadeiramente interessa, é que eu e a Chris nos entendemos, o que, parece-me, é muito mais importante do que aquilo que as pessoas pensam.

A Chris liga-me a caminho de nossa casa; diz que a mãe está a ser uma cabra e que vem cá passar um par de horas, também pergunta se temos o que comer.

A Chris e eu estamos a partilhar uma taça de restos de *gnocchi* na sala de estar quando a Margot aparece em casa, depois de ter deixado a Kitty no barbecue de fim da temporada da equipa de natação.

— Oh, olá — diz ela. Depois vê o copo de *Diet Coke* da Chris pousado sem base na mesa de café. — Importaste-te de usar uma base?

Assim que a Margot sobe as escadas, a Chris diz:

— Meu Deus! Porque é que a tua irmã é tão cabra?

Enfio uma base debaixo do copo dela.

— Hoje em dia, para ti, toda a gente é cabra.

— Porque é mesmo. — A Chris revira os olhos na direção do teto, antes de voltar a falar, e bem alto. — Ela precisa de tirar aquela vassoura que tem enfiada no rabo.

— Eu ouvi isso! — grita a Margot, do seu quarto.

— E era para ouvires! — grita a Chris em resposta, servindo-se do último pedaço de *gnocchi*.

Suspiro.

— Ela está quase a ir-se embora.

Com desprezo, a Chris diz:

— E o Joshy, vai acender uma vela todas as noites até ela regressar?

Hesito. Apesar de não saber ao certo se é suposto ser segredo, tenho a certeza de que a Margot não iria querer que a Chris soubesse da sua vida pessoal. Por isso, limito-me a dizer:

— Sei lá.

— Espera lá. Ela deixou-o? — quer saber a Chris.

Relutantemente, assinto com a cabeça.

— Mas não comentes nada com ela — aviso-a. — Ainda está bastante triste.

— A Margot? Triste? — A Chris mexe nas unhas. — A Margot, ao contrário de nós, não tem sentimentos.

— Tu não a conheces — digo. — Além disso, nem todos podemos ser como tu.

Ela sorri com todos os dentes. Tem incisivos afiados, o que lhe dá sempre um ar esfomeado.

— Tens razão.

A Chris é muito emotiva. Grita à mínima coisinha. Diz que às vezes é preciso libertarmos as nossas emoções; se não o fizermos, inflamam. Há dias gritou a uma senhora que sem querer lhe pisou os dedos dos pés. Acho que não há o perigo de as emoções dela se inflamarem.

— Ainda não acredito que daqui a uns dias ela se vai embora — digo, sentindo-me de repente chorosa.

— Ela não vai *morrer,* Lara Jean. Não é preciso desatares para aí a chorar. — A Chris puxa um fio solto dos seus calções vermelhos. São tão curtos que quando se senta dá para ver a roupa interior. Que é vermelha, para combinar com os calções. — Para ser sincera, até acho que vai ser bom para ti. Já está na altura de seres independente e deixares

de dar ouvidos à Rainha Margot. Estás no 11º ano, gaja. É quando as coisas começam a aquecer. Beija uns rapazes, vive um bocado, percebes?

— Eu vivo imenso — digo.

— Sim, na casa de repouso.

A Chris retalia e olho para ela.

Quando tirou a carta, a Margot começou a fazer voluntariado no Lar de Repouso de Belleview; a sua função era ajudar a organizar a hora dos cocktails para os residentes. Eu às vezes dava uma mão. Servíamos amendoins, enchíamos copos e ocasionalmente a Margot tocava piano, mas por norma a Stormy monopolizava isso. A Stormy é a diva de Belleview. Comanda as tropas. Gosto de ouvir as histórias dela. E a Miss Mary pode não ser tão boa a conversar, por causa da demência, mas ensinou-me a tricotar.

Agora têm uma nova voluntária, mas sei que em Belleview quantos mais melhor, porque a maioria dos hóspedes recebe poucas visitas. Tenho de lá regressar em breve; sinto saudades. E não gosto nada de que a Chris goze com aquilo.

— As pessoas de Belleview já viveram mais do que toda a gente que conhecemos junta — digo-lhe. — Há lá uma senhora, a Stormy, que foi bailarina de espetáculos para militares! Recebia cem cartas por dia de soldados apaixonados por ela. E um veterano que perdeu uma perna... enviou-lhe um anel de diamantes!

De repente, a Chris pareceu interessada.

— E ela guardou-o?

— Guardou — revelo. Achei mal que tivesse guardado o anel, dado que não tinha a intenção de se casar com ele, mas ela mostrou-mo e era lindo. Era um diamante rosa, muito raro. Aposto que hoje em dia vale bastante dinheiro.

— Parece-me que essa Stormy não é flor que se cheire — diz a Chris, com inveja.

— Talvez um dia possas ir comigo a Belleview — sugiro. — Podíamos ir à hora do cocktail. O Sr. Perelli adora dançar com as raparigas novas. Ele ensina-te o *fox-trot*.

A Chris faz uma careta horrível, como se eu lhe tivesse sugerido uma visita à lixeira municipal.

— Não, obrigada. E se te levasse eu a dançar? — Aponta com o queixo para cima. — Agora que a tua irmã se vai embora, podemos divertir-nos a valer. Sabes que eu me divirto sempre.

É verdade. A Chris consegue sempre divertir-se. Às vezes é diversão a mais, mas não deixa de ser diversão.

capítulo 5

NA NOITE ANTERIOR À PARTIDA DA MARGOT, juntamo-nos as três no quarto dela para a ajudar a arrumar as últimas coisinhas. A Kitty está a organizar as coisas de banho da Margot, colocando-as muito arrumadinhas na prateleira do chuveiro. A Margot tenta decidir que casaco levar.

— Será melhor levar o casaco e o anoraque ou basta o casaco? — pergunta-me.

— Basta o casaco — respondo. — Fica bem em qualquer tipo de situação. — Estou deitada na cama dela, a dirigir a organização das malas. — Kitty, vê se a tampa da loção está bem fechada.

— É nova... claro que está bem fechada! — rosna a Kitty, mas acaba por verificar de novo.

— Na Escócia o frio chega mais cedo do que aqui — comenta a Margot, dobrando o casaco e pousando-o em cima da mala. — Acho que vou levar os dois.

— Não sei porque perguntaste, se já sabias que ias fazê-lo — digo. — Além disso, pensei que tinhas dito que vinhas cá passar o Natal. Ainda estás a pensar vir, não estás?

— Sim, se te deixares de criancices — responde a Margot.

Para ser sincera, a Margot nem está a preparar muita coisa para levar. Não precisa de muito. Se fosse eu, tinha enfiado o meu quarto em malas, mas com a Margot não é assim. O quarto dela está praticamente igual.

Ela senta-se ao meu lado e a Kitty trepa e instala-se aos pés da cama.

— Está tudo a mudar — suspiro.

A Margot faz uma careta e envolve-me com um braço.

— Nada está a mudar, a sério que não. Somos as Meninas Song para sempre, lembras-te?

O nosso pai aparece à porta e bate, apesar de esta estar aberta, para nos apercebermos da presença dele.

— Vou começar a meter as coisas no carro — anuncia. Da cama, vemo-lo a arrastar uma das malas até lá abaixo e depois vem buscar a outra. — Oh, não, não se levantem — diz secamente. — Não se incomodem.

— Não te preocupes que não o fazemos — dizemos em coro.

Desde a semana anterior que o nosso pai andava em modo de limpezas de primavera, apesar de ainda não ter chegado a primavera — a máquina do pão que nunca usámos, CD, mantas velhas, a antiga máquina de escrever da nossa mãe. Vai tudo para a Legião da Boa Vontade. Um psiquiatra ou qualquer outra pessoa provavelmente associaria isto à partida da Margot para a universidade, mas não compreendo o significado exato. Seja o que for, é irritante. Já tive de enxotá-lo duas vezes da minha coleção de unicórnios de vidro.

Pouso a cabeça no colo da Margot.

— Então, vens mesmo cá passar o Natal?

— Sim.

— Quem me dera poder ir contigo — diz a Kitty, fazendo beicinho. — És mais fixe do que a Lara Jean.

Dou-lhe um beliscão.

— *Vês?* — palra.

— A Lara Jean vai ser fixe — diz a Margot —, desde que te portes bem. E vocês as duas têm de tomar conta do papá. Não o deixem trabalhar demasiado aos sábados. Vejam se ele leva o carro à inspeção no próximo mês. E não se esqueçam de comprar filtros de café... vocês esquecem-se sempre dos filtros.

— Sim, meu sargento — dizemos eu e a Kitty em coro. Procuro sinais de tristeza, medo ou preocupação na expressão da Margot, algum indício de que esteja assustada por ir para tão longe, de que irá sentir a nossa falta tanto quanto vamos sentir a dela. Mas não vejo nada.

Nessa noite dormimos as três no quarto da Margot.

A Kitty é a primeira a adormecer, como sempre. Eu estou deitada ao lado dela, de olhos abertos. Não consigo dormir. Só de pensar que amanhã à noite a Margot já não vai estar neste quarto... fico tão triste que é quase insuportável. Não há nada que eu odeie mais do que mudanças.

Na escuridão, ao meu lado, a Margot pergunta:

— Lara Jean... achas que já alguma vez te apaixonaste? Já sentiste um verdadeiro amor?

Apanha-me desprevenida; não tenho uma resposta pronta. Tento imaginar uma, mas ela já está de novo a falar. Melancolicamente, diz:

— Quem me dera ter-me apaixonado mais do que uma vez. Na secundária, acho que te deverias apaixonar pelo menos duas vezes.

Depois, solta um suspiro e adormece. A Margot adormece assim — um suspiro sonhador e parte para a terra do nunca, num abrir e fechar de olhos.

Acordo a meio da noite e dou pela ausência da Margot. A Kitty está enroscada no seu lado junto a mim, mas a Margot não. Está escuro como

breu; apenas o luar se infiltra pelas cortinas. Rastejo para fora da cama e vou até à janela. Sustenho a respiração. Ali estão eles: o Josh e a Margot parados na rampa de entrada. A Margot não está virada para ele, mas sim a olhar para a Lua. O Josh chora. Não se tocam. Há espaço suficiente entre eles, o que me permite perceber que a Margot não mudou de ideias.

Largo a cortina e regresso à cama, onde a Kitty se rebolou mais para o meio. Empurro-a uns centímetros para trás, para abrir espaço para a Margot. Quem me dera não ter visto aquilo. Foi demasiado pessoal. Demasiado real. Deveria ser algo só deles. Se pudesse não ter visto aquilo, era o que faria.

Viro-me para o meu lado e fecho os olhos. Como é que será ter um rapaz que goste tanto de nós que até chora por nós? E não é um rapaz qualquer. É o Josh. O nosso Josh.

Respondendo à pergunta dela: Sim. Acho que já me apaixonei verdadeiramente. Apenas uma vez. Pelo Josh. O nosso Josh.

capítulo 6

FOI ASSIM QUE A MARGOT E O JOSH se juntaram. De certa forma, eu soube primeiro pelo Josh.

Estávamos sentados na biblioteca durante o nosso tempo livre. Eu fazia os trabalhos de casa de Matemática; o Josh ajudava-me porque é bom em Matemática. Tínhamos as cabeças inclinadas sobre a minha página, tão perto um do outro que consegui cheirar o sabonete que ele usara nessa manhã. *Irish Spring*.

E então ele disse:

— Preciso do teu conselho para uma coisa. Gosto de uma pessoa.

Por uma fração de segundo achei que se referia a mim. Pensei que se ia declarar. Tive essa esperança. Estávamos no início do ano letivo. Nesse agosto tínhamos estado juntos praticamente todos os dias, às vezes com a Margot, mas quase sempre sozinhos, porque ela tinha um estágio na plantação de Montpellier três vezes por semana. Nadámos imenso. Fiquei super bronzeada com toda aquela natação. Portanto, naquela fração de segundo, achei que ia dizer o meu nome.

Mas depois reparei no modo como ele corou, como olhou para o vazio, e percebi que não era comigo.

Mentalmente, passei em revista as potenciais candidatas. Era uma lista curta. O Josh não saíra com muitas raparigas; tinha o seu grande amigo, o Jersey Mike, que se mudara de Nova Jérsia no início da secundária, e outro grande amigo, o Ben, e era isso.

Podia ter sido a Ashley, da equipa de voleibol da secundária.

Ele tinha comentado uma vez que ela era a rapariga mais gira da secundária. Em defesa do Josh, foi eu que o obriguei a fazê-lo: pedi-lhe que me dissesse quem era a rapariga mais gira de cada ano. A mais gira de entre as caloiras, no meu ano, era, segundo ele, a Genevieve. Não é que eu tivesse ficado surpreendida, mas ainda assim deu-me um aperto no coração.

Podia ter sido a Jodie, a universitária da livraria. O Josh fartava-se de dizer que ela era muito inteligente e culta, por ter estudado na Índia e ser agora budista. Ah! Eu é que era meio coreana; eu é que ensinara o Josh

a comer com pauzinhos. Foi em *minha casa* que ele comeu *kimchi* pela primeira vez.

Ia perguntar-lhe quem era quando apareceu o bibliotecário para nos mandar calar e então retomámos os trabalhos de casa. O Josh não voltou a falar do assunto e eu não perguntei. Sinceramente, não queria saber. Não era eu, e só isso me interessava.

Nem por um segundo me passou pela cabeça que a rapariga em causa fosse a Margot. Não que eu a encarasse como uma rapariga de quem fosse difícil gostar. Um certo tipo de rapazes já a tinha convidado para sair. Tipos inteligentes que faziam parelha com ela em Química e concorriam contra ela para a associação de estudantes. Em retrospetiva, não foi surpreendente que o Josh gostasse da Margot, dado que ele também era assim.

Se alguém me perguntasse como era o Josh, eu diria que era normal. Parece o tipo de rapaz que se espera que seja bom com computadores, o tipo de rapaz que chama novelas gráficas às bandas desenhadas. Cabelo castanho. Não um castanho especial, mas sim um castanho normal. Olhos verdes que escurecem ao centro. É mais para o magro, mas é forte. Sei disso porque uma vez torci o pé junto ao antigo campo de basebol e ele levou-me às cavalitas para casa. Tem sardas, o que lhe dá um ar de ter menos de 17 anos. E uma covinha na bochecha esquerda. De resto, possui um rosto muito sério.

O que se revelou surpreendente e chocante foi a Margot também gostar dele. Não por o Josh ser quem era, mas sim por a Margot ser quem era. Nunca a tinha ouvido falar sobre gostar de um rapaz, uma vez que fosse. Eu é que era a fútil, a faladora, como diria a minha avó branca. A Margot não. A Margot era superior a isso tudo. Vivia num patamar superior onde essas coisas — rapazes, maquilhagens, roupas — não interessavam para nada.

Tudo aconteceu de repente. Um dia, em outubro, a Margot chegou mais tarde da escola; tinha as faces rosadas devido ao ar frio vindo da montanha, o cabelo entrançado e uma echarpe no pescoço. Ela ficara na escola a trabalhar num projeto, era a hora de jantar, e eu estava a fazer frango com parmesão e esparguete em molho de tomate.

A Margot entrou na cozinha e anunciou:

— Tenho uma coisa para contar.

Os olhos dela estavam brilhantes; lembro-me dela a desenrolar a echarpe do pescoço.

A Kitty estava a fazer os trabalhos de casa na mesa da cozinha, o papá vinha a caminho de casa e eu mexia o molho.

— O quê? — perguntámos eu e a Kitty ao mesmo tempo.

— O Josh gosta de mim. — A Margot fez um encolher de ombros de felicidade; os ombros quase lhe chegaram às orelhas.

Fiquei muito quieta. E depois deixei cair a colher de pau no molho.

— Josh, o Josh? O nosso Josh?

Nem sequer consegui olhar para ela. Tive medo de que percebesse.

— Sim. Ele hoje esperou por mim depois da escola para me contar. Disse... — A Margot sorriu envergonhada. — Disse que eu era a rapariga dos sonhos dele. Conseguem acreditar?

— Uau — comentei, e tentei transmitir felicidade naquela expressão, mas não sei se resultou. A única coisa que eu sentia era desespero. E inveja. Uma inveja tão intensa e sombria que parecia sufocar-me. Por isso, tentei de novo, agora com um sorriso. — Uau, Margot!

— Uau — imitou a Kitty. — Então agora são namorados?

Sustive a respiração, à espera da resposta.

A Margot pegou num pedacinho de parmesão e enfiou-o na boca.

— Sim, acho que sim. — E depois sorriu e mostrou um olhar derretido. Percebi então que ela também gostava dele. E muito.

Nessa noite, escrevi a minha carta ao Josh.

Querido Josh...

Chorei imenso. Sem mais nem menos, tudo estava terminado. Acabou antes mesmo de eu ter uma oportunidade. O importante não era o Josh ter escolhido a Margot. Era a Margot tê-lo escolhido.

E foi assim. Chorei até esgotar as lágrimas; escrevi a minha carta; e deixei tudo em banho-maria. Desde então nunca mais pensei nele. Ele e a Margot estavam destinados a ficar juntos. Eram FUPO. Feitos Um Para o Outro.

Ainda estou acordada quando a Margot volta para a cama, mas fecho rapidamente os olhos e faço de conta que durmo. A Kitty está aninhada junto a mim.

Escuto uma fungadela e espreito com um olho a Margot. Está de costas para nós; tem os ombros a tremer. Chora.

A Margot nunca chora.

Agora que vejo a minha irmã a chorar por causa dele, mais do que nunca acredito — eles não acabaram.

«Guardo as minhas cartas numa caixa de chapéu verde-azulada que a minha mãe me trouxe de uma loja de antiguidades da Baixa. Não são cartas de amor que alguém me enviou. Não tenho dessas. São cartas que eu escrevi. Há uma por cada rapaz que amei — cinco, ao todo.

Quando escrevo, não escondo nada. Escrevo como se ele nunca a fosse ler. Porque na verdade não vai. Exponho nessa carta todos os meus pensamentos secretos, todas as observações cautelosas, tudo o que guardei dentro de mim. Quando acabo de a escrever, fecho-a, endereço-a e depois guardo-a na minha caixa de chapéu verde-azulada.

Não são cartas de amor no sentido estrito da palavra. As minhas cartas são para quando já não quero estar apaixonada. São para despedidas. Porque, depois de escrever a minha carta, já não sou consumida por esse amor devorador.

Se o amor é como uma possessão, talvez as minhas cartas sejam o meu exorcismo. As minhas cartas libertam-me. Ou pelo menos era para isso que deveriam servir.»

Veja o vídeo de apresentação deste livro.

www.topseller.pt

TOPSELLER
livros que se devoram

20|20 editora

ISBN 978-989-8800-00-8

9 789898 800008

Ficção estrangeira